

# A HISTÓRIA EM RUÍNAS: A SOBREVIVÊNCIA ATRAVÉS DO VOLUNTARIADO

Após 200 anos de história, o prédio que abriga o Museu Histórico do Crato e o Museu de Arte Vicente Leite segue à mercê do tempo

Por Mia Andrade

O Museu Histórico do Crato e o Museu de Arte Vicente Leite estão instalados em um prédio histórico que remonta ao final do período colonial brasileiro. Testemunha das transformações do município e do Ceará ao longo de mais de dois séculos, o edifício agora enfrenta desafios sérios devido à negligência e falta de manutenção.

Apesar de sua importância cultural e histórica, o prédio sofre há quase uma década com problemas estruturais e falta de cuidados adequados. Tentativas de reforma foram mal sucedidas, incluindo uma iniciativa que resultou na interdição do andar que abriga o Museu de Arte Vicente Leite.

As gestões anteriores do museu enfrentaram dificuldades para manter o acervo e as instalações em condições adequadas. Além disso, a burocracia e a falta de recursos têm sido obstáculos constantes para a realização de obras de manutenção e revitalização.

Apesar dos esforços do ex-diretor, Ricky Seabra e da equipe (que incluía voluntários e funcionários) para manter os museus ativos através de voluntariado e projetos, o apoio prometido pelas autoridades locais não se materializou, deixando o patrimônio histórico do Crato em estado de abandono e deterioração.

Na reportagem anterior do Correio da Manhã, exploramos os desafios enfrentados pelo Museu Histórico do Crato e o Museu de Arte Vicente Leite em meio à negligência e à falta de recursos.

## Uma noite (familiar) no museu

Com o passar dos meses na direção dos Museus, Seabra passou a buscar formas de atrair o público e tornar a população do Crato mais engajada na cultura. E através de abordagens diferentes do tradicional, o museu foi se tornando parte da rotina das famílias da região.

Seabra conta que uma das primeiras coisas que reparou foi que, em média, o Museu Histórico recebia cerca de uma visita por hora. Isso significa, em média, oito visitantes por dia. No início, a baixa procura preocupou o diretor, mas, segundo ele, o jeito foi transformar o desafio em uma oportunidade.

“Uma noite fiquei sem internet em casa e resolvi ir para o museu usar a internet por lá. Enquanto eu trabalhava sozinho no museu um casal chegou na porta perguntando se o museu estava aberto. Falei que não e eles responderam que as luzes do museu estavam acesas. Olhei para dentro do museu e de fato eu havia esquecido todas as luzes acesas ao fechar aquele dia. Embora estivesse oficialmente fechado, decidi abrir as portas para eles e fui guiando

a visita. Para minha surpresa, além dos dois que entraram, outras pessoas começaram a aparecer e explorar o museu de forma noturna. Decidi então abrir o museu regularmente à noite e o número de visitantes aumentou. Em uma noite movimentada, recebíamos cerca de cem pessoas por hora. Isso mostrou que havia uma demanda real por atividades culturais noturnas na cidade, já que a Praça da Sé, em frente ao museu, tem uma circulação alta de famílias à noite”, conta.

A decisão de manter o museu aberto à noite foi apoiada por voluntários da comunidade, especialmente estudantes de uma escola local de artes e cultura, que se mostraram entusiasmados em participar do projeto. A partir daí, a programação começava às 19h, após a missa local e ia até as 21h, com famílias, idosos, crianças e jovens interessados em conhecer mais sobre as peculiaridades do município.

A mudança não só aumentou o número de visitantes no local, mas transformou o espaço em um ponto de encontro cultural para a comunidade. Seabra relata que os idosos, em particular, passaram a frequentar e compartilhar suas histórias e memórias relacionadas ao prédio dos Museus.

“Uma delas foi a dona Zefinha, que contou para a gente que chegou a ser presa na cadeia onde fica o Museu Histórico do Crato. Ela contou que queria se casar com um rapaz mas o pai dela, pra evitar o casamento, mandou prender a própria filha”, relembra.

Para Seabra, as histórias sobre a Câmara e Cadeia do Crato acabaram se perdendo com o tempo e por isso, abrir a noite, trouxe a oportunidade de resgatar essa parte histórica do município. “Normalmente, é o museu que informa, mas os papéis foram invertidos desde que passamos a abrir à noite. Os mais velhos sentiam a necessidade de compartilhar o que aconteceu nas celas e no pátio, ressaltando a importância de registrar essas histórias para futuras pesquisas e estudos históricos”, explica.

A partir das visitas noturnas, alguns projetos foram surgindo como o cinema noturno, onde cineastas cearenses e cratenses poderiam mostrar suas produções para o público; artistas emprestando suas obras para exposições.

“Por conta de um filme da cineasta da cidade de Potengi, Cheyenne Alencar que passou no Cinema aos Sábados, algumas crianças que frequentavam o nosso museu passaram a contar histórias de que a bruxa de um dos filmes morava em cima do museu. Era muito legal ver a forma como as crianças, as famílias e os idosos interagiram. Isso é que movia o nosso museu na época, a interação e a cultura cada vez mais fortes”, relembra.

Além disso, Seabra afirma



Raízes de embaúba se entrelaçam pelo telhado do museu, penetrando pelas paredes

Arquivo pessoal/Ricky Seabra



Com as visitas noturnas, o museu foi tornando parte da rotina das famílias da região

Arquivo pessoal/Ricky Seabra



Mesmo com a falta de luz, a população seguia com as visitas guiadas.

que o intuito era envolver famílias inteiras no museu, tanto através das escolas quanto do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). “Acredito que o museu deveria ser uma extensão da família e não só da escola. Assim, famílias podem criar memórias em torno do museu desenvolvendo um laço afetivo/familiar com o museu. Assim, criaria uma geração de pessoas que zelarão com mais fervor pelo museu e pelo patrimônio”, relata.

Mesmo com os desafios estruturais, o ex-diretor afirma que a ideia não era esconder o problema e sim escancarar, uma vez que esses desafios criam uma conexão com a co-

munidade. “Para o museu funcionar é só abrir. Existe uma mania no Brasil de que é preciso interditar ou abandonar os museus até sair um projeto, um recurso ou um edital. Acredito que quando mostramos a dificuldade que o museu passa, a comunidade percebe que a vida não é perfeita. Que é preciso um trabalho para preservar nosso patrimônio e que essas pessoas que frequentam fazem parte desse trabalho. As pessoas passam a se solidarizar e apoiar”, conta.

A iniciativa de Seabra revelou-se um sucesso no Museu Histórico, com o aumento das doações impulsionando a manutenção do espaço. Os recur-

Em um momento de desabafo, o ex-diretor autointitulado do Museu Histórico do Crato revelou um sonho que alimenta há anos: ganhar na Mega Sena da Virada. Segundo ele, o desejo é simples, mas de grande importância: adquirir o edifício do Museu para revitalizá-lo. “Todos os anos, jogo na loteria com a esperança de ganhar e poder comprar o edifício do Museu para revitalizá-lo. Nada de reformas sofisticadas. Apenas manter e resgatar a arquitetura histórica. Eu só não quero ver a história de um município inteira se perder pela falta de interesse do governo municipal”, desabafou.

## Agora

Em março deste ano, o prédio centenário que abriga os Museus de Arte Vicente Leite e Histórico do Crato foi isolado pela Defesa Civil municipal devido aos danos causados por chuvas e quatro pés de embaúba crescendo na calha do telhado do museu. As raízes das árvores comprometeram uma parede do segundo pavimento. Após permanecer fechado por cinco anos, o edifício histórico enfrenta agora a ameaça iminente de desmoronamento.

Em nota oficial, a Secretaria Municipal de Cultura do Crato se pronunciou, informando que intervenções emergenciais foram realizadas para preservar a integridade estrutural do prédio após os danos causados pelas chuvas.

O comunicado destaca também que, antes mesmo dos eventos climáticos, a Administração Pública do Crato já havia elaborado um projeto visando a reforma e restauração do prédio histórico. No entanto, as licitações realizadas foram “abandonadas”, em virtude da complexidade do processo e do tombamento do prédio, os certames foram desertos ou fracassaram.

A atual pasta da Cultura informou ainda, que todo o acervo histórico e cultural foi previamente retirado do prédio e encontra-se preservado em local apropriado, garantindo sua segurança e conservação.

Seabra diz que o desinteresse no museu por parte da prefeitura é crônico e parece ser passado de gestão para gestão. “Independentemente da orientação partidária, tanto governos de direita quanto de esquerda parecem negligenciar o museu. Quando o museu foi contemplado com o edital de modernização do Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), nós iríamos receber R\$ 260 mil reais, mas, exigia que a prefeitura desse R\$ 40 mil. Porém, quando todos os trâmites estavam prontos para firmar o convênio, o prefeito da época se recusou a disponibilizar a contrapartida, perdendo-se assim a oportunidade de reforma. A atitude gerou críticas, e inclusive de um alto funcionário falou para mim na época: ‘A prefeitura não tem interesse nesse museu. Devolva esse dinheiro para Brasília!’”

A reportagem entrou em contato com a prefeitura do Crato questionando a falta de investimentos e os motivos para os editais não irem para frente, mas não obteve resposta. O espaço está aberto para futuras manifestações.